

**PARA TODOS OS GAROTOS
QUE DESEJEI UM CONTO**

MACIS SILVA

**PARA TODOS OS GAROTOS
QUE DESEJEI UM CONTO**

NO**CEGO**

Copyright ©
Macis Silva

Editora NOCEGO
www.editoranocego.com

Editor Responsável
Domingos Calixto
Produção editorial
Equipe Editora Nocego

Revisão
Macis Silva

[2021]
Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
Contatos: (73) 98873-7177
e-mail: editoranocego@gmail.com
e-mail: kalixto.calixto@gmail.com
www.editoranocego.com.br

Sumário

Ariano	7
Taurino	13
Geminiano	21
Canceriano	25
Leonino	33
Virginiano	37
Libriano	41
Escorpiano	47
Sagitariano	55
Capricorniano	63
Pisciana	73
Aquariano	77

Ariano

Acreditava que isso era viver melhor: sair num fim de noite ao fim de semana no firme propósito de finalizar o tédio. Era alguns dias antes do fim do ano de 2018 em Jequié, eu estava numa casa de show noturna cujo espaço se dedicava em apresentar bandas locais de rock. A casa, dividida em dois andares, com a área interna decorada de forma diferenciada, buscava propor um estilo anacrônico sem se desprender dos infinitos elementos contemporâneos.

Eu não me desprendia do meu entusiasmo, dançava eufórico com um amigo de longa data, o Alan. A banda de rock tinha terminado sua performance e o som mecânico tocou alguma trilha do Clube da luta fazendo nosso corpo ébrio ser o único que se movia no minúsculo salão. Miguel, um rapaz com quem estava ficando na noite, tinha ido ao bar comprar uma cerveja. Três ou quatro minutos depois ele voltou se mantendo ao nosso lado, parado enquanto nos debatíamos.

Não pensava que meu entusiasmo poderia romper seu encanto, obviamente quando se está chapado os receios se esvaem, por isso, o impulso de dançar como se o mundo fosse acabar após a música se torna assertivo. Miguel deu-me sua cerveja na esperança de recuperar minha atenção, mas, eu continuava a dançar em meio

aos goles de sua bebida. O pretexto fútil não rompia a diversão de meus passos, a música continuava a tocar e estava demasiada boa.

Existiria, portanto, algo que me surpreenderia. Miguel estava estupefato, assim, intempestivo, tomou-me a cerveja empurrando-me e indo para fora. Dois ou três minutos depois, fui para a saída sem refletir o ocorrido; mas, vendo o chão oscilar, meu entorpecimento se expandia com a iluminação do clube noturno, dando-me uma sensação de efeito glitch. Miguel estava no andar de baixo sentado em um banco largo de madeira fumando um cigarro de palha, vigiava seu sobretudo como um delegado de polícia.

– Pensei que estivesse fumando outra coisa. – Eu disse desanimado.

– Moa, você já não está bastante chapado?

– Acredita nisso? Parece que está conspirando contra mim.

– Só quero entrar e sair como meu tédio em mim. Na verdade, quero ir embora. Você vem comigo?

Nenhum de nós abandonava nossa personalidade e nos esforçávamos para mostrar o quão diferente e o quão combinávamos ao mesmo tempo. Ele era impulsivo,

extravasava sua irritação sem remorso ou sem contê-la, na verdade, não sabia como. Sem embargo, não colecionava nenhum rancor.

Miguel era negro, cabelos cacheados e acastanhados, diferentes dos meus que eram morenos e encaracolados, os olhos eram encapsulados diferentes dos meus redondos e que se esbugalhavam a qualquer ápice de emoção. O importante era que erámos pessoas intensas, corajosas e que exerciam um grande entusiasmo na vida, no modo de viver.

Era 2h 00min da madrugada, ele anunciava seu desejo de partir. Iria a pé sem grana para o Uber, o pedido de minha companhia era para se sentir mais seguro. Morávamos na mesma direção e a caminhada não seria tão longa. Estávamos supondo, ignorando os riscos para dois jovens negros efeminados.

A rua noturna era deserta e as encruzilhadas eram muitas. Ele me contava de seus planos futuros e a força com qual empreendia a narrativa era entusiástica. Era alguém que fazia tudo o que queria, tendo a iniciativa em seus gestos. Assim, no último minuto de sua fala ele travou minha cintura e me arrastou para o beco de uma rua. Era uma encruzilhada em breu. Encostando meu dorso no muro de uma casa modesta, beijou-me firme e excitado.

Colocava as mãos por baixo de minha camisa enquanto não sobrava tempo para respirar com o beijo.

Eu descia o zíper de sua calça no ápice de minha excitação ao mesmo momento em que pensava na loucura de ceder ao desejo, o desejo de chupá-lo ali mesmo.

Com o zíper da bermuda descida, pude trazer seu sexo enrijecido para fora, seu pênis grosso e mediano estava em minhas mãos ávidas e tudo que eu queria era ele no interior de minha boca. Limitando meus atos, numa guerra de hormônios com a prudência, apenas comecei a masturbá-lo enquanto ele me beijava ou marcava meu pescoço com seus lábios rubros e grossos. “Ainda que seja madrugada, alguém passaria aqui?”, eu me perguntava, ainda masturbando aquele rapaz com seu corpo pressionando o meu. Sem me responder, eu apenas desejava que seu gozo viesse.

Minha mão cobria e descobria a cabeça de seu falo e ele murmurava; nesse movimento contínuo, o fiz esguichar em minha camisa de ramagens. Miguel gozou e levou os lábios aos meus enquanto sentia algumas partes do corpo eletrizar. Nosso prazer teria sido mais longo no conforto dos assentos de um colchão, mas me estimava a sensação de uma rapidinha entre a liberação de um orgasmo e da fixação de afeto em seu estágio precoce.

Reorganizamo-nos em meio aos risos e mantivemos os passos a nossa casa. Na próxima esquina me despedir do Miguel e ainda não nos cruzamos outra vez. Foi bom enxergá-lo como quem não se enganava comple-

tamente quanto aos seus objetivos a atingir, qualquer derrota seria seu suicídio, pois, não combinava com seu espírito conquistador. Até hoje encontro um meio de admirá-lo, ainda que de longe. Também, a forma de desconfiar de seu coração ainda me faz perguntar se ele continua oscilando entre o endurecer e o amolecer.

Taurino

A primeira vez que o vi, tinha ele sua paciência, equilíbrio e a harmonia de quem sente o prazer em amar, fosse alguém ou coisas materiais. Desejei ser seu para o uso que quisesse, mas o obséquio do meu capricho não viria tão fácil. Vinham então novos fôlegos e um frio que me doía a espinha.

Eu tinha chegado a São Paulo, no seu período de inverno, para um congresso fora do hábito de usar echarpe que baianos desconhecem. Ele também era da Bahia, soteropolitano que não via no frio seu aconchego. Chamava-se Dume e se vestia com elegância; a pele negra da face triangular e de aparência nômade era bem projetada; o bigode em seus fios encaracolados deixavam os lábios grossos ainda mais notáveis.

Cheguei ao encontro dos estudantes baianos de Letras depois de enfrentar a urbanização caótica da cidade considerada Centro Financeiro do Brasil. E parecia ser o centro do meu desespero com seus grandes prédios, sua movimentação demasiada e minha incapacidade de me deslocar de um lugar para o outro sem alguma condução. No entanto, após sair da estação de metrô, decidi ir a pé ao local de encontro sob a orientação de um aplicativo de mobilidade urbana, subindo e descendo

todas as ruas até que a Avenida São João não fosse mais a busca incansável.

A noite já tinha chegado veloz e descendo ainda mais a temperatura, só que não passava das 18h: 00 min ainda. Eu caminhava em direção a uma confeitaria, foi quando de longe o vi sair consigo dentro de um casaco jeans para fora, no corrosivo desejo de fumar um cigarro de palha. Eu desejando que seu coração não tivesse mais frio e que ele não me devorasse mais só com os olhos e que eu fosse degustado na sensibilidade de seu toque, pois, como evidenciar ainda mais que tinha o passe de toque sobre mim? Será que eu estava fazendo da forma certa? Qual era a forma?

Levou o cigarro de palha aos beiços, a mão esquerda levantou-se em concha para criar uma barreira contra o vento e a direita estalou o isqueiro para ascender o seu vício. Fumava com a elegância de um gentleman cuja corporeidade periférica não se perdia na sua performance, essa era a contradição de seus modos que me excitava em demasia.

Avistou-me de longe torcendo o braço cansado de levar uma maleta por longas horas. Eu com meu aspecto de cansado, porém, fingindo ser um rapaz cuja virilidade não se esvaia. Tudo em vão, pois minha pele negra suave naquele esforço ainda que fossem 13 graus. Se pudesse ouvir meu coração galopante contente de vê-lo, talvez confundisse com mais uma sonoridade ur-

banana ou dispararia meu pobre peito de vez ao me dar um forte abraço.

Abraçou-me em um cumprimento habitual e o gesto já me bastava. Sua voz roca ao dizer “como vai, Moa?” e seu cheiro cítrico, tentando vencer o odor da nicotina, eram a excitação de meus hormônios e emoções. E lá estava ele, comendo-me com os olhos enquanto seus sinais me confundiam da cabeça aos pés, enquanto eu o devorava por dentro sabendo que ele é quem apreciava tudo que se pudesse comer.

Tália saiu pouco depois de Dume me cumprimentar, era um colega de classe e que parecia contente com a viagem. Cumprimentei-a incomodado com a interrupção das palavras de Dume, contava-me do meu azar de perder a abertura do evento. Porém, no fundo agradei a interrupção, pois, dir-lhe-ia que um dos convidados da mesa não me agradava e passaríamos a discutir em vão; afinal àquelas horas eu sabia o quanto ele era teimoso; o típico taurino que adorava comprar uma briga sem mudar seu ponto de vista diante quaisquer argumentos, mas colocando sua ideia do assunto da melhor forma.

Com a cara magra e pálida em sua alvura, Tália gesticulava espaçosa enquanto narrava o seu plano noturno. A sensação que o estudante de letra recebeu, meio sério e de quem costumava até se entregar demais ao trabalho, era de repulsa ao mesmo tempo de curiosidade para adentrar nas boates e nas night clubs de todos

os estilos e gostos, para curtir a noite na cidade mais populosa do país.

Dume tinha um trabalho submetido para apresentar no dia seguinte, no entanto, cedeu ao interesse de uma aventura, eu também aceitei com a esperança de que umas euforias pudessem fazê-lo encontrar caminhos até o contato de cada centímetro de nossas peles negras. Porventura, esta noite só nos fez acreditar que o coração humano, em sua fibra estilhaçada ou gélida, nada mais é que um tanque fundo de mistérios. Mas, que também, nem todos os poços são fundos, que até mesmo os rasos podem nos afogar.

A ilusão do sonho era tal que eu ainda levei às trepidantes mãos aos olhos languidos no firme propósito de esfregá-los e abri-los para a realidade do momento. Naquele momento, Dume já não se regravava tanto, estava demasiado contente na Lions Nighthclub movendo seu corpo ao som de uma música dos anos 80 remixada nos elementos contemporâneos. Deixei de olhá-lo sob uma euforia para circular minha curiosidade, o lugar tinha um estilo vintage em sua decoração, porém, com uma iluminação moderna. A pista ia se enchendo aos poucos de novos dançarinos. E meu dançarino predileto voltou a roubar minha atenção em seus gestos espontâneos.

Dume expressava-se em forma de arte, se eu tivesse seu amor saberia que ele se conectaria facilmente com minhas expressões profundas. Raramente eu meapai-

xonava e, no mais das vezes, as paixões eram platônicas, o que me fazia sempre não pesar mais a emoção em detrimento da razão, mas ele, porventura, buscava a segurança em sua vida.

Enquanto eu estivesse confuso e temeroso, os seus sinais insistiriam em me confundir. Se meu sentimento fosse palpável e mensurável, talvez ele já tivesse tocado a mim. Foi nessa introspecção que ouvi a música ir abaixando e minha visão se escurecendo, vi a mudança do meu melodrama indo para o palco de meus desejos mais íntimos. A ilusão do sonho era tal que eu não quis levar às trepidantes mãos aos olhos languídos no firme propósito de esfregá-los e abri-los para a realidade do momento. Eu estava em um albergue deitado tímido e quente, enquanto o via ir desligar as luzes do quarto e arrancar a bermuda. Seu corpo alto e magro estava se evidenciando aos poucos para mim em meio ao breu.

Quando próximo, levou os lábios em minha nuca e respirou quente como quem buscava o prazer no aroma de um bom prato e, mesmo em jejum, não ia com sede ao pote sem mirá-lo. Ele não era um fantasiador, o oásis não lhe servia, o concreto sustentava todo seu corpo e não colocaria seu corpo em uma base fluida. Assim, enrijeci-me, meu sexo ficou completamente rígido com seus dedos me tocando no intuito de amassar mais a carne antes de lambê-la. Mas toda a delicadeza e calma foi se desfazendo, já não era mais o discreto

em seus comportamentos regrados, depois de mordicar cada canto de meu corpo travou minha cintura para me jogar sobre a cama de costas e poder me socar por trás na voracidade de seu movimento lascivo, no vaivém de seu sexo teso dentro de meu reto.

Era um sonho lucido habitado numa mente ébria. Foi tão verossímil que uns segundos a mais eu poderia afirmar a sensação de seu gozo escorrendo em minhas coxas. Mas o gozo não veio quando Tália tocou meus ombros pedindo para que eu me mexesse. Abrir os olhos e Dume se apeava em minha frente em uma coreografia aleatória. Riu dizendo-me que eu estava muito parado. Sorri de volta querendo voar em seu pescoço, no entanto, enveredei-me ao bar da boate para buscar um dos drinques em seus preços caros para qualquer estudante.

Rememorando toda a véspera, eu me odiava por não fazer nada que pudesse me dar uma noite com alguém tão bom de cama como nativos do signo de touro. Tália atirou-se a minha frente interessada na minha postura incógnita, numa das casas de festas mais popular da cidade. Segredei-a sob algumas doses de álcool todo o melodrama.

– O que te impede de beijá-lo esta noite? – Ela forçando uma sobriedade.

– As paixões platônicas as são pelo fato de alguma forma sabermos que jamais se concretizarão, para além do peito emocionado.

- Ou está sendo demasiado racional.
- Talvez eu aja como quem não tem nada a perder.
- Tudo bem. Você quem sabe.

Ela voltou a si indo de volta para a pista agindo como quem tivesse compreendido. Sua cara magra e pálida na sua alvura caucasiana estava sendo riscada pelas luzes modernas da boate. Dançava desinibida, Dume, ainda dançando, aproximou-se e logo compartilharam os mesmos passos. Havia nos gestos de Tália alguma coisa nova. Não se lembrava de nada ou a lembrança pouco lhe estimava. Foi só depois de lhe confiar o sentimento novo que eu trazia a respeito do colega que ela pôde observá-lo com mais atenção.

“Mas não pode ser”, murmurei do bar querendo crer ser outra visão de minha mente fantasiadora e multifocal.

Não tive força para nenhuma reação, mesmo querendo entrar outra vez na pista para abraçar o Dume e interrogá-lo sobre os seus sinais. Os olhares de Tália não fugiram dos seus. Eles estavam demasiado próximos, a proximidade não atrasou mais o beijo e logo se mantinham grudados, girando no salão enquanto os estalos dos beijos eram abafados com o som de uma line eletrônica.

Lancei-me para fora da boate e me vi caminhando às 3h 00min da manhã pelas avenidas de uma cidade que pouco dorme buscando a compreensão de um melo-

drama como este. Porventura, não dar para saber tudo de uma vez vivendo pela metade, mas quando se trata de uma vida amorosa a verdade é que muitos em seu trejeito retinto não vivem nem a metade da metade de um afeto.

Geminiano

Eu não fui um vassalo, talvez tivesse me comportado como um verso em demasia erotizado ou talvez ele quisesse essa certeza: a de que eu pudesse por meus pés no seu terreno de forma fixa. No entanto, era as minhas mãos que queria andar sobre o corpo dele, bagunçando um pouco, desritmando, ou fazendo um remix, um emparelhado de coisas obscenas.

Só que ele parecia se sentir em uma câmara de ecos e as vozes que ecoavam talvez esmagasse alguns centímetros de sua calma, e lá se ouvia "tem gente que chega à sua vida como uma tempestade, bagunça e não arruma!".

E a forma como eu o revirava era instigante. Meu amado tinha humor, porém não tinha paciência para minhas implicâncias propositais. Assim, talvez mentalizasse os sussurros melódicos do Los Hermanos se questionando de onde vinha o defeito que eu não conseguia fingir.

No entanto, no fim dos ecos mentais ele só me dizia: "Moa, eu só não tenho paciência para os teus jogos!". E eu respondia: "jogos? Mas se esquece de que... e se o amor for um jogo expressivo, aquele que você não perde por demonstrar?". Porventura, não se tratava de um amor em seu estágio maduro, mas dos caprichos de dois

rapazes. Rapazes que não enxergavam o possível amor escasso entre suas conversas e suas peles negras.

Raul fitava-me seu olhar irônico com aqueles olhos amendoados na face de tom negro retinto, passava de leve a mão esquerda no cabelo crespo e emitia um: "Ata!", imbuído de sarcasmo. Eu sorria levando em seguida minha atenção para o hall da universidade vazia. Estávamos num seminário em pleno feriado. E tínhamos saído do auditório para conversar um pouco e desanuviar o tédio, dessa forma, distanciando-nos de todos. Era nítido as seguradas de tesão. "Quanto tempo mais suportaríamos as erupções externas?", eu me perguntava. "Os choques verbais entre nós dariam lugar aos choques corporais?", eu continuava com as perguntas internas.

Então, sem precipitar-me eu o esperei ir em direção ao um bebedouro próximo ao banheiro para encher sua garrafa tupperware com água. Quis supor um drama e o roteiro que me daria. Sem esquentar a mente eu o via se mover com leveza ao caminhar evidenciando a seriedade do seu ascendente em capricórnio e a capacidade de provocação do seu sol em gêmeos, seria perigoso se eu também não fosse um geminiano com certas impulsividades controladas. E nesse controle, de longe, ele acenou para mim e fui ao seu chamado. De súbito, mas não surpreendente, ele me lançou dentro do banheiro desligando as luzes e me levou para um dos boxes.

Como ele era alto, eu pulei em seu colo enlaçando minhas pernas em sua cintura e levando a ponta do meu queixo para cima, enquanto ele estralava seus lábios molhados em cada centímetro do meu pescoço. Ele fazia meu corpo se debater no ar, quase que em gestos débeis, e eu já podia senti-lo suando antes de começar qualquer ato mais impudico.

Desci do seu colo e levantando sua camisa até o peito, comecei a beijar seu abdome descendo à sua bermuda que ganhava volume com seu sexo ficando cada vez mais teso, completamente duro como pedra. Assim, por cima da bermuda eu o mordia e o fazia dar gemidos abafados. Querendo de vez sentir seu gosto em minha boca, trouxe, cerimonioso, seu falo para fora e ele bateu no abdome como quem puxa um estilingue. Seu falo estava pronto para se cobrir e descobrir esfriado ou aquecido pelo interior da minha boca, sendo molhada com os movimentos da minha língua.

Como quem sugasse o melhor sabor, eu o chupava em meio aos gemidos atados, agindo voraz como um lobo lambendo a carne antes de devorá-la. E eu não sabia que estava demasiado faminto. No entanto, ele agia como quem também quisesse me digerir aos poucos e bastante. Então, tomando por alguns minutos o controle, levou-me a parede abrindo o zíper de minha bermuda, as pausas eram para morder meu pescoço e eu já podia sentir as marcas de um chupão precoce.

Levou seu dedo indicador ao meu falo para mergulhar a ponta em meu gozo e trazê-lo aos meus lábios, deixando-os mornos para ampliar a sensação de um beijo salgado. Aquela atitude me fez vulcanizar por dentro. Eu sentia meu gozo em minha boca e simultaneamente o sabor de seus lábios vultosos e macios.

Terminamos aquele sexo como dois atores se despedindo do público e abandonando o cenário. Saímos extasiados do banheiro. E como os assuntos eram infinitos entre nós, fomos conversando sobre muitas coisas sem citar aquela peça erótica em sua velocidade, porém gratificante. Mas... eu ainda vivo me citando todos os dias, como quem quisesse matar a saudade de um encontro, que não evidencia apenas memórias eróticas: o que tinha esses rapazes era um possível amor escasso ou um desejo realizado? Não sei se será a repetição dessa evocação que me dirá isso, tampouco ele que desapareceu como quem nunca esteve aqui... ao meu lado.

Canceriano

Chamava-se Raimundo e eu sempre o via vestindo sua jaqueta jeans azul em seu astral meio punk rock, eu não me vestia como os caras da música que coexistem com a criminalidade, mas era nítido de que eu havia crescido ouvindo hip hop. No entanto, o desejo da mistura dos estilos me veio à cabeça antes de chegar ao peito.

Ele era misterioso e difícil de compreender. Seu estado emocional e seu humor se confundiam; fato que me fez nem precisar saber que se tratava de um nativo do signo de câncer, para entender que as fases do ciclo lunar influenciavam seus modos imbuídos de sortilégios. Não me recordo em que fase ela se encontrava naquele dia, porém, seu rosto fechado e de poucas palavras indicava um momento de introspecção.

Eu estava ao seu lado na bilheteria do Teatro tagarelando um assunto com um grupo de amigos na fila. Ele ouvia atento e murmurou a correção de uma explicação de um dos meus amigos a respeito de um assunto. Quis ouvi-lo mais até que estivesse completamente empolgado para falar de outros assuntos, porém, agi como se não tivesse o escutado.

Raimundo era negro, cabelos escuros com os cachos bem abertos, seus olhos semicerrados eram quase es-

condidos na face e o tédio toda a ornamentação dela. Ele não parecia ter se interessado da mesma forma por mim, talvez nem me notasse se não tivesse tagarelado ao seu lado. Ao menos, sabia que eu me chamava Moa de tanto ouvir meus amigos chamando-me pelo nome como se eu fosse o sujeito de todas as suas orações. Levando uma empolgação ao peito, eu o esperei que me seguisse em algumas das redes sociais.

O convite para uma amizade virtual veio dias depois e uma série de curtidas mutuas havia começado. Aquele garoto tinha feito meus olhos queimarem e tudo que eu desejava era vê-lo novamente até restar cinza sob minhas pálpebras. Seu jeito era único, eu sabia. Que havia mexido comigo, eu sabia. Desejava vê-lo todos os dias; era doentio como câncer e ainda não se tratava de um sentimento mais profundo.

Contentei-me em levantar os ombros em um suspiro prolongado, a conexão virtual me dava um pouco dele ainda que em falsetes ou não. Foi numa das redes sociais que soube de seu interesse em ir a uma festa na próxima semana. Os dois primeiros dias foram de imaginações constantes em relação a uma aventura e o fato de não possuir nenhuma explicação de como elas iriam se originar. “Vamos a ela”, era o que me dizia. E passei a planejar qual referência usaria na festa a fantasia. A verdade era que eu agia como quem gostava de atravessar

minhas horas planejando inúmeras coisas que, no mais das vezes, nunca eram concretizadas.

Na semana seguinte ao fulejo, a vontade foi dançar nas comemorações universitárias. Minhas idas a esses espaços de festa me dava uma conjectura de que maioria da vontade pode ser deliciosa quando, sem receio, corresponde a um capricho. E se o capricho não me tirasse para dançar, a severidade da vontade não correspondida seria o recurso extremo para me acordar das fantasias sentimentais. Mas, talvez, ele fosse mais sentimental que eu, eu supunha.

Eu fiz aquela viagem da extremidade da minha casa até o centro da cidade para a festa a fantasia ao fim de semana. Sem esperar, mirei de longe um cortejo de duendes esperando na entrada da casa de shows. Fui me aproximando e percebendo a euforia da multidão de jovens, construindo uma vanguarda de mascarados. Eram todos universitários se esquecendo ou fingindo esquecer as pilhas de apostilas e se colocando como os desocupados e os populares da UESB do campus de Jequié, que vinham a esse fulejo para admirar o tempo perdido e bradar o “somos tão jovens” sob demasiada doses de álcool.

A lentidão da portaria me deixava incomodado com o prolongar da perda de tempo e da sensação de não está caracterizado tão bem. Sabia que depois de umas doses me esqueceria e dançaria demasiado. Tinha ido

a caráter do sexto álbum de estúdio da cantora barbadiana Rihanna, mas muitos acreditavam que se tratava de um presidiário, as listras vermelhas e pretas se confundiam num único tom em meio às luzes da pista de dança.

Aquela geração de jovens não tinha tanto rigor quando completamente chapada. A música estava boa e meus olhos caçavam o pretendente, até que o vi completamente bêbado e não mais introspectivo, mas na extrema felicidade de seu momento. Não nos tiramos para dançar, no entanto, ele me tirou para os fundos e o beijo ébrio veio. Senti seus lábios quentes e quando dei por mim sentia seu falo pulsando em minhas mãos. E de repente já estávamos com os corpos longe um do outro, e ele travando meu pulso para me levar de volta a pista de dança.

Raimundo parecia estar se incorporando a minha presença, em seu trejeito reservado desfeito numa farrá. Três dias depois do festejo havia me convidado para visitá-lo. A própria voz dele já não era mais escassa, ainda que se mantivesse misterioso. Ele mudou de mau humor para um confessador, tratando-me como quem queria meu bem. Mal o conhecia e podia me sentir seguro ao seu lado ainda que me sentindo pisando em ovos. Segredou-me que caso não encontrasse algum emprego teria de voltar a sua cidade. Sua juventude parecia saturada de responsabilidades. Eu quis envolvê-lo

sem deixa-lo ir. Mas não sabia como, se podia ou se teria a permissão. Fiz- lhe o pedido e a aceitação do beijo me deu espaço para a expansão de outros toques.

Eu sempre me via tão inconstante, por isso, enchia-me do medo de que eu pudesse amá-lo menos caso algum dia ele me amasse. Sua sensibilidade era nítida e sem dúvida poderia sofrer com uma única rachadura.

Abandonei as inseguranças para marcar apenas sua pele negra com o toque de meus lábios nela. Comecei a sugá-lo como quem quisesse o seu sabor no céu de minha boca. Eu chupava seu sexo teso no firme propósito de lhe arrancar um timbre de gemidos, gemidos que ele deu bem abafados ao morder o travesseiro quando o virei de costas para levar minha língua em seu reto, em seguida meus dedos ávidos. Meus dedos penetraram sua rachadura e ele quase se debateu como um diabrete. Vinte ou trinta minutos depois o fiz gozar numa minuciosa masturbação. Alguns minutos depois, esperei-o vir do banho para deitarmos juntos na cama e dormimos um no peito do outro.

Sei lá se as paixões são tantas e tontas como diz uma canção, sei que fui tonto por, talvez, ter desperdiçado a chance de ter vivido um possível romance em sua singularidade e sortilégios. O perfil de solidude foi atualizado quando, no dia seguinte após termos dormidos juntos, eu ter ignorado a sequência das próximas páginas. Eu não o liguei nem lhe mandei mensagens, esperava que

ele pudesse me dar algum sinal de que eu podia. O sinal não veio. Porventura, esse foi o seu mesmo movimento e meu sinal também não ocorreu. Em minhas conjecturas não tinha nada a respeito das inseguranças serem extremamente anódinas, tampouco eu supunha que uma mentira seria o suficiente para isentá-las e que a verdade destruiria todos os seus vestígios.

Alguns dias depois recebi uma memória como se a saudade quisesse se apresentar. Fui, ignorando o receio, contatá-lo e Raimundo não estava mais em nenhuma das minhas redes virtuais. Tínhamos deixados de ser amantes por algum medo bobo e logo amigos virtuais. Vexava-me apoiar a certeza de que vivemos uma paixão intensa, porém veloz na corrida dos raios em meio à minha fluidez, inconstância e negligência não proposital de quem vive no ar; e a suposição de que o afastamento de quem sente muito foi sua tecnologia de autocura, em seu oceano de águas turbulentas.

O amor pode possuir grandes aprendizados e tarefas falhas, eu ainda não sabia como não cometer o mesmo erro. Soube que Raimundo estava partindo da cidade, o prazer de enfrentar o receio me veio quando parti para a rodoviária para poder vê-lo uma última vez. Finalmente eu tinha chegado. Ele estava com sua jaqueta jeans azul e suas malas. Sem dúvidas ele iria me encher de pontapés, mas me enveredei a sua frente.

– Não está em nenhuma das minhas redes virtuais.

– Estou indo e... não me agrada a ideia de ter alguém que me lembra da cidade.

– Talvez você seja sensível demais ou esteja mentindo, porque eu sou o único da cidade excluído de seus perfis.

– Talvez você não combine tanto comigo.

– Em filmes ou novelas a gente ouve dizer que o amor, às vezes, pode ser cruel e machuca. Sei lá! Eu só gosto da memória que tenho quando te conheci e memórias boas não dar para ser nem devem ser deletadas.

– Estou indo.

– Tudo bem. Acho que a gente não pôde nem teve tempo para construir um sentimento capaz de me fazer te amar profundo e te esperar um milhão de anos. Mas eu poderia.

Silêncio.

– Está bem! Não precisa prometer que você também vai se lembrar de mim. – Eu brinquei.

Raimundo pegou suas malas e entrou no ônibus.

Leonino

– Moa, agora que estamos sós... poderia apagar as luzes?! – disse Eric evidenciando uma timidez que eu nunca tinha visto em seu comportamento.

– Ora, era o meu pedido. – Eu disse tateando as paredes do quarto no momento que as luzes se apagaram.

– Por que está você com esse ar tão altivo, se inflando todo cheio de si... parece que trocamos os papéis.

– Mas você é mais orgulhoso que eu.

– Decerto que sou.

– E como você será o imperador dessa transa se não posso vê-lo?

– Me toca e descubra.

Estava tentando lembrar a cor das paredes no quarto em breu, tateava-as percebendo que devia cessar as conversas e partir para o intuito daquela intimidade. Tínhamos vindo de um sarau, Eric tinha amado a música que toquei no violão. Ele era um grande conhecedor das canções brasileiras e as apreciavam com demasiado gosto. Eu queria poder prolongar a contemplação de suas feições derramadas e deliciosamente inacabadas com aquela nossa intimidade. No entanto, o receio da exibição de seu corpo entrava em conflito com a segurança que sentia de si. Eric era moreno e caucasiano; vinte e um anos; não estava a cima do peso, mas poucas

vezes se sentia à vontade numa nudez por também não ser magro ou dentro de um padrão.

Subitamente numa inspiração inexplicável, sentir suas mãos tocar meus ombros descendo até minha cintura para me puxar para perto de seu corpo. Ouvir minhas costas bater em seu peito e seus lábios beijarem meu pescoço. Girei para ficar a sua frente e beijar seus lábios enquanto movia minhas mãos para me despir, começando pela camisa de ramagens. Naquele breu não víamos os contrastes de nossas peles, minha pele negra era ainda mais escura e a sua não se ascendia como um candeeiro numa luz branca e jovial.

Nus sobre a cama e sobre o corpo um do outro, amávamo-nos como dois amantes de natureza voraz. Lambíamos e sugávamos a carne um do outro com o tesão de quem tinha fome, mas que gostava muito de sua presa para devorar sem afagos. Estávamos nisto, quando anunciei meu gozo na espera que ele pudesse anunciar o seu. Não disse que isto se passava na casa de uma amiga sua. Então, confessou que desejaria não gozar pelo fato do banheiro ficar próximo ao quarto dela e não querer despertá-la.

Sua vaidade vencia o prazer de um orgasmo. E não me estimava o quão sujo, despenteado, e o quão sua pele exalava o odor de sexo naquele momento, estimava-me o ápice de seu entusiasmo. Deitei ao seu lado,

afligindo-me frio, felicitei-me por não murmurar um desgosto quando o sentir me abraçar, mesmo sentindo-se sujo, despenteado, exalando o odor de nosso atrito.

Virginiano

O que interessava mesmo a este Sávio? Eu me perguntava sempre que nos comunicávamos pelas redes virtuais. Mirando sua foto de perfil cuja face era engraçada, ilustrada com um sorriso forçado, a pele negra riscada por um feixe de luz e o olho esticado se fechando com o riso. Eu fazia tudo para distraí-lo e diverti-lo, induzindo-o a perceber o ardor de meus desejos. Porém, seu jeito era de amora verde, eu era mergulhado no receio de provar as frutas que ainda estavam presas no pé. Então, temia perguntar sua idade e ter de adormecer a atração, mas relaxei com a confirmação de sua primavera. Tratava-se de um rapaz na euforia dos vinte anos e dos videogames. Ele amava jogos e o avanço tecnológico nos últimos anos. Já meus vinte e três anos eram meio languidos e simultaneamente com alma de festa.

Amava os jogos e ainda não tinha me dado nenhum tão direto. Eu analisava os seus passos e nenhum avançar de nível. Torcia para que fosse a ausência das brincadeiras sem sentimentos. Pois, eu já me mantinha cansado de todos os jogos e do fato de todos os rapazes agirem do mesmo jeito. Pensando, também, se eu era o culpado já que numa relação, mesmo rasa, ninguém joga sozinho. E sozinho eu sempre estive, mas os rapazes quando estavam sozinhos sempre tinham alguém

para ficar em segredo, e era eu quem ia ao chamado. Essa era a diferença de nossa solidão. Era assim que o jogo ia.

O jogo ia com minha vontade de jogar suas roupas no ar. Porque eu ainda não conhecia sua textura, apenas mentalmente. Eu poderia dizê-lo que apenas consigo possuí-lo me masturbando. Como todo virginiano, eu supunha, ele sumia e eu me dizia: “não surta, quando voltar irá te ter nas suas horas confusas!”.

Éramos regidos por Mercúrio e a projeção da razão, da qual éramos imbuídos, deixava a emoção confinada as inseguranças e aos cálculos mentais. O entusiasmo oscilava entre nosso contato, tínhamos uma conversação inteligente e passávamos horas falando sobre vários assuntos. Atraíamos um ao outro com essa inteligência, mas ao tentar demonstrar algum tipo de afeto éramos travados.

Sem dúvidas, no mais das vezes, os dispostos que se atraíam e não os opostos como diziam. E como virginiano ele se ilustrava o oposto do geminiano que eu era. O Pólux interior morreria com a falta de um entusiasmo alheio pretextando um misticismo, contradizendo seu estado. Os pés de Sávio eram postos no chão, os meus eram postos no ar. E minha alma de festa sempre se decepcionava com sua rotina de permanecer em casa quando me estimulava as saídas ao fim de semana.

Foi no seu aniversário o nosso primeiro e último encontro. Levei-o ao um show de rock e depois de tragar um cigarro lhe dei um beijo, sob a narração de um entusiasta.

– Gosta disso? De rock and roll? Do que gosta de ouvir?

– Ah, estou gostando de estar contigo, Moa! Eu ouço de tudo um pouco... humm... ouço bastante pop.

– Poderia imaginar alguma trilha. Vai! Fecha os olhos e pense numa canção.

O empenho de Sávio para se dedicar a minha ideia foi significativa para meu ato enfeitiçado pelo ranger de cordas de guitarra, querendo escutar a música que ele ouvia internamente. Beijei-o nos lábios, ali em meio a toda aquela multidão de roqueiros. Essa atitude, e sua atitude precedente de me devolver um toque nos lábios, era como a erupção de um vulcão. Eu sentia o ar varrer o chão e mover toda a terra.

Foi uma noite agradável de sábado que eu quis repetir no próximo, mas Sávio indeferiu o convite comunicado a vontade de ficar em casa para fazer umas coisas singulares. Tinha entendido que seu espírito metódico preferia a rotina de seu lar. A isso tive um equívoco, encontrando-o com outro rapaz em uma das encruzilhadas da praça da cidade.

Busquei esquecer e menosprezar minhas recentes descobertas. Considerava a liberdade dos encontros e

desencontros, mas sempre poderia haver risco de colisão quando os pilotos não se comunicam ou sinalizam. Não havia mais obstáculos na nossa cruzada. Já tinha capotado com o sinal fora de hora. Naquela hora, sabia que não permaneceríamos eternamente jovens e machucados.

Libriano

Eu agia como quem fosse capaz de amar e de odiar com a mesma dissimulação, encontrar alguém que usasse o ato de dissimular para realizar todos os desejos e propósito, foi-me um tanto estimulante. Porventura, eu estava no ato final de uma etapa locada na confiança de que todo amor possa obter em seu âmago a extrema juventude, a eterna maturidade ou a inevitável velhice. Niel havia chegado no meio ou no fim desse meu processo. Veio como mais um dos filhos da Vênus; a deusa sempre cheia de prazer e eterna sedutora, sempre em busca de encontrar conforto, beleza e harmonia.

Tinha os olhos castanhos semicerrados, quase fechados na face, porém sem esconder o brilho do olhar; era negro, baixo, vinte e um anos, como eu, assim, jovem não só no corpo, mas na alma também. Sua capacidade de ser harmonioso fazia qualquer pessoa se sentir à vontade na sua presença. Um conceito James Dean em conteúdo e estrutura periférica aos olhos rápidos, aos que se debruçam numa pintura poderiam ver os gestos de Logum Éde nas nuances do movimento, sem moldes, sem vanguardas.

Também vivia com a cabeça nas nuvens, porém não em demasia como eu vivia; e suas paixões não se cristalizavam no peito, ainda que seu sentimento efêmero

fosse real enquanto durava, idealizando passar toda a vida ao lado da pessoa amada. E foi na sua próxima busca que ele cruzou meu caminho.

Já estávamos nos falando e nos encontrando há dias até eu, desconfiado e medroso, correr a seu encontro para consultá-lo sobre a verdadeira causa das suas intenções. Encontrávamo-nos à noite na Praça dos Poetas, um lugar bem pitoresco ilustrado de pessoas alternativas e de todos os gêneros, densamente povoado como o Bronx aos fins de semana e pitoresco nas nuances de seus habitantes.

Niel, embora tivesse começado um encontro comigo como quem se dedicava em apresentar uma intensa matéria especial, mostrava que seu enredo seria realidade ou ilusão, pois já era comprometido. Suas redes sociais indicavam uma relação de dois anos com um rapaz um pouco menos elegante que ele na sua forma de se vestir e de se comportar. Era nítido que ele havia combinado qualquer resposta com a questão da véspera.

Imaginariamente, vi a ponta dos dedos de um drama que finalizaria ou continuaria a escrever as próximas páginas. “Quanto antes, melhor!”, pensei, ao cogitar encerrar nossos encontros. No entanto, eu me via como quem nunca foi amado e cuidado por alguém, a suspensão de uma solidão me apareceu apenas como um pretexto fútil, mas muito ideal naquele momento, assim, viria para confirmar o resto. Acreditei que em tão

pouco tempo estava tendo a atenção de quem me desejava, fazendo o fato de ele ter outra pessoa não importar contanto que ele continuasse exercendo seus carinhos sobre mim.

Depois de vê-lo sem parecer inquieto e nervoso ao segredar que estava decepcionado com seu parceiro que havia o traído; buscando, dessa forma, justificar nosso caso negligente, eu não quis interpretar que suas palavras estavam decoradas, diante dos meus olhos fixos em seus gestos harmoniosos, ainda que numa cena embaraçosa. Beijei-o depois de ver minha comoção trepidante crescendo de minuto a minuto.

– Moa, eu te amo! – repetiu ele com os olhos em minhas mãos sob as dele. Silêncio.

Tempo.

– Eu também te amo! – eu disse horrorizado com a sentença que havia proferido. Parecia as cenas em um gueto artificial de Amor, Sublime Amor.

Eu nunca tinha dito “eu te amo” a ninguém, pois nunca tinha de fato amado e não me estimava dizer por dizer. Acreditava que o amor era a potência de um sentimento alimentado, energizado diariamente por ambos amantes. Acreditava que a gente gostava de alguém e esse gostar ia se expandindo com a convivência até se tornar o amor. E acreditava que o amor só era construído por quem não tinha medo da energia e do tempo dedicado que um relacionamento real precisa.

Esperiei que ele pudesse rejeitar toda aquela ideia de me declarar seu amor em tão pouco tempo, sem se vê vexado de si mesmo. Mas, ele afirmou no firme propósito de me fazer acreditar em seu sentimento negligente e eu entendi que, mesmo não o amando, fiz a recíproca da declaração para testá-lo.

Três dias depois era carnaval e metade da cidade estava indo para a capital do estado. Salvador comportava os interioranos em busca de fulejos. E Jequié ficava em seu destino pacato habitual. Nesse contexto, fui passar uns dias na casa de uma amiga enquanto ela viajava no firme propósito de aproveitar seus dias de entrudo. A sua casa comportou a embaraçosa história entre mim e Niel, passamos os dias transando e vivendo como se fossemos um casal normal. Não éramos e tal notícia viria me confrontar.

Acordei ao quinto dia dormindo ao lado do Niel, imaginariamente, vendo a ponta dos dedos do drama tocando sua face enquanto dormia. No fim de cinco minutos, ele despertou reparando que eu o mirava. Deu-me bom dia e me cobriu de beijos, estava excitado e me tocava numa fome matinal.

– Acho que vou te fazer gozar. – Disse descendo minha roupa íntima.

– Espera; preciso te falar sem demora!

– O que há? Parece sério. Geralmente, você é engraçado.

- Não sei se quero continuar com isso.
- O quê?
- Adivinha?
- Eu vou terminar com ele e a gente vai...
- Não sei se essa é a questão. Vai terminar com ele para ficar comigo, vai terminar comigo para ficar com outro alguém, sei lá. Essa também pode não ser a questão, ir contra a não-monogamia. Não sou um indivíduo monogâmico e será que digo não-monogâmico por não ter quem segure minha mão em meio à multidão? Não quero ser alguém que fere os sentimentos alheios.

Mais valia acautelar-me, sacrificando uma história, mesmo embaraçosa, por uma dor antecipada. Niel tinha diminuído a potência com qual exercia carinho sobre mim desde o dia da minha declaração recíproca, não sei se ouvir um eu te amo de volta diminuía o seu tesão pela conquista. Era por essa razão e descoberta que eu tinha o dito e talvez era essa interpretação que me convinha, certa ou equivocada.

Niel saiu logo depois de nossa conversa, na rua, advertiu que teria sido tudo mágico e que nosso tempo devia ser dado. Talvez ele não quisesse tempo para pensar, mas tempo para fugir. Porventura, se eu fosse ele também fugiria de mim ou ficava para entrar num túburi em direções imprevisíveis. E seu tempo era veloz como suas paixões, pois, a minha já tinha ficado para trás.

Escorpiano

Minha ideia fixa de possuir o Roque, como ele nunca havia possuído ninguém, era mais firme que a sua de me provar. Nosso encontro teve as ligeiras correções do tempo, eu não era demasiado jovem e inexperiente com meus vinte e três anos, tampouco ele era velho e experiente demais com seus trinta e nove de idade. O tesão de um escorpiano é uma locomotiva que muitos notam de longe, eu pegaria sua locomotiva sexual, mas faria do nosso encontro demasiado mortal para que um viciado pudesse encontrar o êxtase e o ritmo que ele inventa. Meu desejo passaria a ser o de desorientar seu organismo e sentir se seu coração era frio ou aquecido para umas habitações passageiras.

O nome do lugar no qual nos vimos era Praça dos Poetas. Não se via o lirismo declamado por todos os cantos; mas por se localizar no alto da cidade, à noite podia-se ver as luzes dela se estender por todo o horizonte, o que era poético aos olhos. Era um local de encontro e de passeio para muita gente alternativa que saíam de suas casas para ver o pôr do sol. Era um lugar estranho, bastante pitoresco, pitoresco em demasia.

Assim como a maioria ali presente, eu tinha ido ver o pôr do sol e me mantinha sentado num banco tragando um Marlboro. Ele caminhava com seu spitz-ale-

mão-anão que tentava correr como uma bola preta imperativa, mas sua coleira lhe entregava o limite de seus passos inquietos. Roque desfilava como um homem de meia idade padrão cujo intuito no domingo era, além de passear e relaxar, se esbarrar em qualquer cara e seduzir sem evidenciar que estava seduzindo.

Usava os óculos de sol para parecer ainda mais desprezioso, uma regata lisa e de tom preto com uma bermuda esportiva. Caucasiano e seguro de si como todos são. Passou por mim e no momento seu zwergspitz num impulso animal, mas num comportamento de quem se sente dono de tudo a volta, sinalizou que ia fazer uma de suas necessidades fisiológicas.

– Suponho que tenha trazido alguma sacola plástica?!

– Acabei me apressando muito hoje. Não queria perder o pôr do sol.

– Então acho que vai ter que voltar para casa e voltar um outro dia.

– É o que você acha certo?

– Você não acha?

Não precisamos entrar no debate de que recolher a sujeira do seu pet na rua era uma demonstração de cuidado e respeito ao espaço comum. Porém, a certeza de que as

sacolas levam entre trezentos e quinhentos anos para se decompor não soava como uma solução tão boa.

Eu também não me queixei veemente da hostilidade do ato de um animal em sua atitude natural no meio ambiente. Traguei o cigarro e ele perguntou se eu tinha outro. Dei-lhe. Ascendeu. Fumou. Sentou-se ao meu lado depois de trocarmos duas ou mais palavras e nos apresentarmos. Disse ter gostado do nome Moa, o qual ele nunca tinha escutado, e dos volumosos cachos de meus cabelos crespos. Ficamos perambulando e conversando, e o tempo passou bastante depressa. Já devia ter se passado uma hora quando percebemos as luzes do sol mudarem o tom do céu se encolhendo atrás das montanhas.

Depois do pôr do sol ter terminado ele anunciou sua partida. Não tivemos uma história bastante longa, mas uma conversa bastante deliciosa. Demonstrava-se uma pessoa bastante independente e amava isso. Eu sentia uma grande energia misteriosa em cada gesto seu e não era pelo fato de parecer reservado ou por ser um desconhecido. E sentia que mesmo o conhecendo por longos meses essa energia misteriosa só se ampliaria. Parecia gostar de se entregar aos poucos, mas na entrega um pedaço seria um oceano.

Esse dia tinha sido de uma beleza e calor incomuns, voltei para casa e anunciei esse encontro inusitado a uma de minhas amigas. Elena ficou em silêncio por dez

ou vinte segundos antes de responder e o suspense pareceu um desaproveitar, sabendo que já tínhamos trocado contatos. Eu podia senti-la sacudir a cabeça raspada e tocar a face negra com as mãos em concha. Quando o silêncio se quebrou, pude ficar surpreso com sua reação. Elena estava contente e revela conhecê-lo. Era seu colega de trabalho. Trabalhavam numa floricultura e a imagem dele numa ornamentação de plantas floríferas me veio agradável. O desconhecido, que tinha me declarado a alegria de um encontro casual, agora seria o conhecido atizador de minhas imaginações.

Os dias se passaram e Roque ouviu grandes e perfeitas narrativas sobre mim. Elena o enchia com suas histórias nas quais eu era tão maravilhoso quanto o personagem preferido de um autor. Talvez os defeitos que ele visse em mim no próximo encontro se tornassem novidades, diante minha estranha personalidade. Se sua curiosidade foi despertada a minha só estava começando.

Ao vigésimo quinto dia depois de nos conhecermos o vi na comemoração da floricultura onde ele e Elena trabalhavam. Foi um convite que aceitei para o entusiasmo de vê-lo outra vez. O início da comemoração foi reservado no protocolo de uma empresa clássica. Todos os convidados se comportavam e bebiam com uma classe fosse ela forçada ou não.

Roque a me ver chegar cumprimentou-me com um decreto: “ouvi falar muito de você nos últimos dias, devíamos conversar mais!”. Uns poucos convidados farsolas, que pareciam pouco estimar o protocolo das finezas, cumprimentavam-se pelas locuções populares. Desejei que as gírias entrassem no vocabulário. Como era alguns homens negros efeminados, talvez conhecessem o pajubá. Elena era uma ótima conhecedora e praticante dessas expressões.

A comemoração terminou às 21h: 00 min e somente os poucos funcionários ficaram na loja. A própria dona se foi permitindo um after. Roque retirou do bolso um baseado como quem estava resistindo muito tempo prová-lo. Ébrios e entusiasmados, todos foram para os fundos da loja que era como um quintal de uma avó: cheio de plantas, flores, o chão de terra, bem limpo e arejado. Aquele grupo de homens efeminado, ainda mais soltos, dançavam com a ausência de cansaço. Depois de eu ter fumado o baseado do Roque, acostei-me em uma árvore sentindo meus pensamentos e emoções se multiplicarem, olhando para a costura da calça como se fosse a maior invenção do mundo.

Nesse momento de uma introspecção ébria, escutava a polifonia de vozes numa firme vontade de gritar. Em meu silêncio, prestava atenção na deformação de vozes e rostos que as emitiam. Um dos rapazes se pôs em minha frente num propósito de testar seus estudos sobre

magia, ou tudo havia passado de um delírio. Chamava-se Berg. Segurou um graveto retirado do chão e desenhou um círculo enquanto murmurava sentenças as quais não ouvir, nem soube interpretar. Aproximou-se e mordiscou meu joelho. O som de seus dentes escorregando em minha pele debaixo da calça era como o grito desafinado de uma guitarra, foi um som que veio de dentro e não externo, senti-me a pele arrepiar e, assim, de súbito, levantei-me o empurrando e indo para fora.

Caminhei para a saída da loja, do lado de fora dela eu já não sentia nenhuma energia, nenhuma graça, nenhuma língua e dente de cacos e trapos em meu joelho. Ouvi Roque chamar por mim perguntando o que havia acontecido e antes que eu lhe desse uma resposta havia me beijado. Havia vindo pousando ao meu lado no pretexto de uma preocupação, mas não passava de libertinagem. Elena veio atrás dizendo que já iria, estava com sua namorada. E fomos os quatro para a sua casa.

Chegando lá, bebemos algumas cervejas e enveredamos umas conversações antes de eu arrastar o Roque para o quarto de hóspedes e de termos preenchido a real intensão daquele fim de festa, fim de noite.

Eu me lançava sobre ele, cobrindo-o de beijos para que ele me desse os sinais de uma paixão platônica, ou puramente sexual, incapaz de ser controlada. Roque tinha me dado uns embates muito mais voluptuosos que o de controlar emoções. Fazia-me um passivo de

toda aquela tensão sexual. Chupava-me por trás no firme propósito de me estimular, como quem empurra a porta com modos para entrar sem o incômodo de um convidado sem noção dos obséquios. Molhava meu reto com sua língua ávida e penetrava seus dedos na intensão de relaxá-lo antes de fazer seu sexo rígido, voluptuoso e avantajado, habitar meu interior, como quem sabia que sem tais estímulos me rasgaria e descolaria todo meu corpo magro e negro.

Eu gostava da forma como ele me tocava, era rude e simultaneamente afável. Quando segurou minhas pernas para abri-las, sentir que estava preparado para entrar em mim. Ao primeiro passo de seu sexo eu já tinha ido para trás, mas ao segundo já o sentia todo em mim me descolando para me colar em seu gozo que veio minutos depois.

Após o gozo, as luzes foram acesas e nos deitamos pelados para fumar um cigarro, trocamos umas palavras e ele me segredou um fetiche que definharia toda minha excitação se fosse revelado na véspera. Confessou-me que sempre quis transar com um mulato e eu o confessaria que se tratava de um corpo escuro naquele quarto em meia luz.

Eu poderia me queixar da hostilidade de sua objetivação romantizada. Meu desgosto fez-me deixar de ser um amante afável para me tornar um amante de natureza bastante fria. O utilitarismo, quando fora de

seu esconderijo, lembra-nos do seu prejuízo, sacrificando o conforto de uma paixão ou amizade. Sacrifiquei uns beijos, assim, nos despedimos com beijos escassos e uma tira de adeus.

Sagitariano

Nunca encontrei alguém que devorasse os livros com tamanha voracidade como ele. O garoto era Júpiter, em sua juventude, beijado no meio da testa por Hebe, deusa da juvenilidade, o garoto me daria de beber o néctar da tão desejada perenidade se me tocasse com suas mãos de rapaz branco, em um corpo ávido e cheio de vontades da busca de conhecimentos e das aventuras sejam elas como fossem. Ailton tinha os cabelos morenos raspados nas laterais da cabeça e uns centímetros mais longos no topo, a barba precoce e uma postura bem decidida que não denunciava seus dezesseis anos.

Ele estava em pé na seção dos livros de romances escolhendo uma nova leitura para se dedicar. Eu tinha visto que minutos antes ele havia abandonado a seção de histórias policiais. Ailton, como já dito, estava entre seus quinze e dezesseis anos, era muito farfante e podia ser abraçado como um travesseiro; porém, quieto, a princípio, com uns modos naturais de rapaz precoce. Eu, por outro lado, era muito espigado, negro, cabelos encaracolados tocando os ombros e naquele momento olhava os livros com o olhar languido. Foi assim que me distrair e, de repente, o ouvi falar algumas palavras atrás de mim. Talvez fossem alguma dúvida ou sugestão.

– Já li uma boa parte dos livros da Agatha Christie. Meu intuito é ler todas as suas obras. Esse que tem em mãos eu tenho em casa e posso emprestá-lo. Daí você não precisa gastar dinheiro, poderá comprar outro.

– Ah, obrigado!...

– Você não é o garoto que vejo todos os dias no ônibus? Ele tem um black power, assim. – Apontando para meu cabelo. – Estuda no instituto.

– Ah, não. Eu me chamo Moa. Sou universitário.

– Nossa! Que bom! Outro nível, não é? Eu suponho. Soube que terá uma festa universitária ao fim de semana. Você vai? Acho que vou.

– Não é muito jovem?!

– Pedem o RG?

Comecei a rir de seu jeito espontâneo e bem comunicativo, um sorriso bom e agradável de quem era agradável.

Ficamos alguns minutos conversando, eu ouvindo mais e prestando atenção em seu enredo juvenil. Falava com entusiasmo de suas paixões e desejos, mostrando-se como quem sente grande necessidade de explorar os diversos territórios existentes, rumo aos horizontes que não se limitam na parada do olhar receoso. Na sua extrema juventude, já possuía uma bagagem um tanto interessante, sendo um rapaz disposto e hábil a capacidade de aprender algo, tornando esse algo valioso e útil,

não ignorava o que lhe fosse apresentado e sempre via o lado bom das coisas ainda que fosse seu lado ruim.

Trocamos os números e passamos a manter a comunicação. Havia nesse encontro um despojo bem gratificante, uma ocorrência que não havia sido validada de cara. Mas, algo singular e uma insegurança comedida, mensurando um envolvimento mais profundo, fizeram a o acaso ganhar atenção.

Por nada no mundo os garotos em sua adolescência mexiam comigo, eu poderia dispensar qualquer atração por um corpo precoce. No entanto, Ailton era uma prova de cautela em minha simplicidade. Eu estava em meus vinte e um anos com o firme interesse de conhecer pessoas beirando seus trintas anos ou mais, pelo fato de supor que as pessoas nos seus dezenove anos, ou menos, não me daria o tipo de emoção que eu buscava. Acreditando que essas pessoas, na sua remota juventude, queiram todos os mundos sem habitar os universos.

O diálogo entre mim e Ailton se seguiu por longos dias nas redes sociais, o que lhe fez se acreditar sob uma aptidão em incinerar estúgios, como se já nos conhecessemos há muito tempo. A capacidade de se entusiasmar com um rolê de Ailton era sem limites, ao sétimo dia depois do encontro casual marcou de me encontrar para emprestar *Os 13 problemas*, livro cujo merchandising de seu entusiasmo me deixou ainda mais curioso para ler e observar a perspectiva de sua narrativa que

se aprofunda no conhecimento da natureza humana, onde Christie busca nos despertar uma excepcional capacidade dedutiva.

Livro entregue na sorveteria. Achava-o bonito em seus gestos. Sempre de bermuda e camisa largas com ilustrações. Seu modo de falar tinha uma turbulência, no entanto, que agitava os mares para melhor. A voz tinha um timbre de uma graça afável, na transição de sua puberdade era roca e bem masculina. Havia algo mais, mais do que apenas um traço de personalidade em seu timbre. Talvez algo de uma dessas famílias italianas que se estabeleceram no nascimento de Jequié. Já minha voz tímida de negro pouco estimado tinha seu tom efeminado. Um tom de falsete que podia ser gravado no intuito de usar como jingle, para ser tocado num rádio pelas manhãs. Poucas vezes falei de mim, poucas vezes tive quem me escutava. Tenho, por isso, muitos segredos para mostrar que não irei segredar. Talvez, até para mim mesmo.

Viver um conto de fadas, porventura, não o espantaria nem um pouco, ainda que lesse O grande massacre dos gatos. Ele viveria tudo o que lhe fosse posto. No entanto, além de tão jovem ele tinha o alvorecer na pele e paixões interracialis jamais seriam contos de fadas com a hipérbole de seus finais felizes. Eu não lhe disse essa pintura de meus pensamentos, enquanto ele me dirigia

algumas palavras sem demonstrar a vontade de que eu o calasse com algum beijo.

A noite caiu e ele me lembrou da festa, foi seu momento de anunciar um intervalo, despedimo-nos e fomos para casa para voltarmos a nos reencontrar na casa de shows. Foi lá a ocorrência do primeiro beijo, depois de vê-lo, ébrio, beijar alguns outros rapazes. A farsa de minha segurança seria ainda melhor se eu não desejasse outro beijo ébrio daqueles lábios juvenis.

As semanas se passaram e uma amizade, para além do interesse carnal, foi construída. Ele me visitava algumas vezes, na casa de uma amiga, e nessas vezes costumávamos a tomar banho juntos no propósito de não desperdiçar água, como ele sugeria e acreditava. Empreendimento meio frustrado.

Eu não o tocava no banho até que no último dia de nossos encontros, como se inconscientemente soubesse do fim, toquei-o no hesitar do toque. Seu corpo maior que o meu, embora eu fosse mais velho, tinha os riscos do chuveiro lhe cobrindo. Aproximei-me para abraçá-lo e beijar seus lábios. Sentia a água sugada enquanto nossos lábios se prendiam e se soltavam no movimento do beijo. Fiz o movimento de levar meus lábios ao seu queixo e do queixo ao pescoço e do pescoço ao mamilo, assim, mamava-o como um lobo esfomeado. Comecei a sentir seu sexo se enrijecer e tocar minha coxa, seu pênis

pulsava e meu script erótico ordenou que eu o enterrasse dentro da boca. Ajoelhei para a cena de um oral.

Eu agia como quem possuía o hábito e o prazer de quem chupa pintos. Exercia uma grande sucção ao babar e sugar minha saliva na extensão de seu sexo tesão. Ailton segurava-se nas paredes se enrijecendo cada vez mais de tesão. Enquanto isso, eu cobria e descobria seu pênis com minha boca esfomeada ao mesmo tempo em que eu o masturbava. Minutos depois, percebi que Ailton ia gozar e anunciado seu gozo esguichou em minha face seu líquido incolor, varrido de meu rosto pela água que escorria do chuveiro ainda ligado. Terminamos o banho; enxugamo-nos; vestimo-nos e fomos para sala onde nos despedimos.

Pouco depois do desaparecimento do cara vigente, uns trinta dias, encontrei-o na sorveteria com outro rapaz. O rapaz tinha seu astral ávido, era caucasiano, também tinha

os cabelos morenos e uma barba bem volumosa cobrindo o rosto. Vestia-se bem, um modelo stiletto dando a sua masculinidade outra percepção e performance. Pareciam bem íntimos, talvez apaixonados.

Aconteceu-me o fato a descrição de uma palavra que não me feriu tão rápido, a anestesia se estendeu durante uma hora. Minunciosamente, não mais apaixonadamente, passei a descrever com mais atenção os costumes

das pessoas de uma outra casta. E foi quando percebi quando é a retirada de nossas tropas em peitos que não luta por afeto como o nosso.

Capricorniano

Era a superfície de uma noite. Um sábado de mente alcoolizada.

Eu me sentia em meio às cenas de American Gods. O Olimpo se subvertia em minha mente.

Na verdade, estou fragmentando ainda mais os detalhes.

Eu sempre fui aquele tipo de pessoa que, no mais das vezes, detestava passar o sábado em casa. E aquele sábado de outubro de 2017 estava saturado de tédio, eu abria as redes sociais diversas vezes na esperança de um convite, poderia ser qualquer um, até mesmo aquele de ir catar coquinho. TRIMMM! O celular tocou. Foi inevitável não fazer um sorriso de orelha a orelha.

Era um convite. E lá iria eu e meus amigos a uma festa de aniversário no qual quem fosse teria de levar uma bebida. Juntei minhas moedas e comprei uma cachaca bem barata. Eu não queria deixar de caprichar no look, pois acreditava que um rapaz do qual eu estava a fim poderia ir também. Mesmo que minhas roupas peculiares e de brechó não chamassem tanta atenção, sobretudo de um pretende nada confesso. Embora eu não estimasse opiniões alheias, um par de autoestimas é mais que acessório, ela repara e ergue cada espinha da coluna vertebral no intuito dos passos serem diretos e

firmes. No entanto, apenas vestir uma camiseta preta e uma calça jeans marrom que destacasse o par de botas.

Esperava na esquina, em frente a um posto de gasolina, próximo ao centro da cidade, a carona de Hugo, um amigo cujo tédio era constante, bem típico dos capricornianos. As saídas eram seus alívios efêmeros. Havia chegado em seu carro esportivo compactado dos anos 90, o Toyota MR2 de cor branca. Caminhei em sua direção em gestos de facécias descendo a face para a janela do motorista murmurando como atendente de telessexo: “é 10/30:10 o programa e 30 o motel” e Hugo respondeu algo como: “Não força, Moa!”. Não foi algo engraçado dado a minha falta de humor, assim, entrei para me sentar nos bancos dos fundos.

No banco ao lado do motorista estava Daniel, alto e languido se encolhendo. Dei-me o motivo para me chatear percebendo que falhei ao acreditar que meu pretende estaria naquele automóvel. Pouco depois do azedar da expectativa, ouvi um buzinar ao fundo, era ele em sua moto evidenciando que estava seguindo o carro modesto de Hugo ao local do aniversário.

Chegamos a uma casa bem exígua cujo interior estava decorado e saturado de uma iluminação azul. Havia pouca gente, um pessoal bem divertido e já para lá de Bagdá. Acostumando-nos ao ambiente, fomos beber em seu pátio e a conversação passou a ser mais atrativa. Era nesses momentos de astral ébrio que alguns

me corroboravam como um geminiano. Conversando e transbordando os ouvidos alheios com os assuntos que me estimulavam. Era nas palavras que eu buscava seduzir Otávio, um rapaz também negro, com olhos amendoados que não se fixavam num ponto, porém se recusava admitir seduzido por alguém nada padrão, era o que eu estava supondo.

Não era disciplina tão fácil notar sua simpatia, seu comportamento era pouco sociável e em meio àquela conversação, onde eu tagarelava com mais intensidade, talvez ele só dialogaria com entusiasmo se isso fosse preencher sua vontade, seu interesse. Seus passos eram bem calculados. Esse aspecto de sua personalidade era bem notável. A perspicácia mais elementar da minha tentativa de descoberta de seu perfil era acreditar que, embora o acreditasse uma pessoa distante, não era pelo fato de que ele pouco gostasse de mim. Sabia seu signo e nativos de capricórnio sempre ganham uma capa obscura para usar, há os que abusam dela e os que não a levam cotidianamente.

Carismático, eu falava algo que me entusiasmava, era algum poema do Rimbaud, mas discutir sobre os poetas malditos não era nada interessante naquele momento, então, abandonei o destaque para entrar na casa exígua e dançar uma música que mexia com meus hormônios, bastantes ébrios. Hugo, Daniel e Otávio vieram em seguida sendo contagiados aos poucos com a

batida do Avicii. Dei um grito de prazer levantando o copo com vodca. Abracei o Hugo e segredei um sonho erótico com ele. Sonho que pronunciava sem a fé de sua realização.

Um quarto de horas mais tarde, o tédio de Otávio se ascendeu e alguma angustia o fazia desejar veemente se deslocar do lugar de onde estava. Aquela capa obscura e misteriosa nunca ficava ajustada direito sobre seu corpo. Estávamos começando a evidenciar os interesses, mas sua face de pessoa complicada de se entregar com a de quem se diverte pouco, pouco estava me estimulando. Assim, atendendo sua súbita vontade, seguimos para outra festa.

O local da festa era um ambiente aberto, uma praça pública na qual as performances periféricas se juntavam para celebrar o fim de semana. “Está incomodado, Otávio?”, eu disse me aproximando e buscando lhe segregar meu interesse. “Parece está cheio de preconceitos como todo mundo.”. Quis o inquietar ainda mais, mas o ouvir dizer que aquilo se tratava de uma parte chata de seu humor.

Distanciamos-nos um pouco para conversar e durante todo o tempo em que ele falava comigo, continuei pintando a certeza de que o queria e, de repente, percebi que, no entusiasmo de ouvir a narração receosa dele, eu havia criado um pouco de confiança. Ele não me

beijaria naquela noite, porventura, eu ainda não era um solo firme para se pisar. Mas confirmamos o interesse mútuo e o seu caminhar sem a pressa dos que vivem na vanguarda futurista. Talvez, eu lhe mandasse uma carta em vez de uma mensagem numa rede social. Fiquei olhando-o voltar a nossos amigos e pedir que fossemos embora, outra vez, na evidenciação de seu incômodo.

Supus que havia entendido sua cautela, e naquela noite tudo que tive foi um abraço de despedida e o seu casaco, pois havia me emprestado ao ter tremido de frio. O vi partir em sua moto e quando estávamos entrando no automóvel de Hugo um rapaz pediu para ir conosco, queria uma carona. Ele entrou e partimos. Hugo deixou Daniel em casa até que restou somente a mim e o rapaz. Ele parecia um lascivo embriagado, um gato alcoólatra miando no telhado. Era claro, alto e cabelos morenos, com uma barba mal feita e uns olhos fechados que se abriam quando ele se esforçava para tal.

Alguma coisa parecia estar nos tomando, pois de repente eu comecei a alimentar as saliências do rapaz. Até que no clímax do discurso impudico, ele travou minha mão direita e a levou para o sexo dele completamente duro, duro como pedra por baixo da calça jeans. Eu acariciava-o enquanto beijava seus lábios, assim, minha pele transpirava metade do álcool consumido.

Hugo se virou para trás e perguntou o que estava acontecendo, o rapaz pediu para que ele desse mais uma

volta e Hugo brincou dizendo que também queria um pouco daquela dose oferecida no banco de trás. O rapaz se levantou de trás e se contorcendo foi para o banco da frente ao lado do motorista, beijou Hugo e ele continuava a dirigir. Que loucura! Ele não bateu com o carro, mas bateu uma punheta para o rapaz. Hugo já tinha enfiado a mão dentro da bermuda e tirado o falo do rapaz para fora. Eu no banco do fundo, direcionei minha cabeça para frente levando meus lábios no pescoço dele e de repente estávamos todos nos beijando.

Sim, o Hugo ainda dirigia. O que tornava o ato ainda mais imprudente.

No entanto, não iríamos ficar percorrendo a cidade inteira toda a noite até a anunciação de nosso gozo e sua chegada. Vale ressaltar que o rapaz era um conhecido do Hugo, a imprudência ficou menor, ele se chamava Igor. Porém, ainda desajuizados, fomos para o apartamento dele. Subimos as escadas e eu me segurava no corrimão com as vistas em rodopios. Quando penetrei a sala do apartamento me senti num filme produzido na década de 50. Levei minhas mãos em concha aos olhos depois os cocei como quem acorda de um sonho, mas lá estava o Hugo devorando o rapaz em cima do sofá.

Parei por alguns instantes. Senti-me alto.

Bem alto.

O efeito era visual. Como sob efeito de um MDMA. Ergui as mãos para alcançar o cenário 3D. Ouvi colisão

de lábios e esbugalhei meus olhos em direção ao som. Vi dois corpos se tilintando como taças erguidas aos céus, então levei meus lábios em uma delas, ou melhor, ao falo de um possível deus da guerra já que brincava com fogo como quem o toca acreditando ser rosas e plumas azuis. Sim, aquele rapaz parecia ser o próprio Áries e eu parecia ser um ótimo nativo do signo de ar sendo o leque de uma lareira acesa.

Arrancamos as roupas e seguimos para o quarto, chupávamo-nos e lambuzávamo-nos com tamanho gosto que nenhum sorveteiro chuparia um sorvete com tanta degustação. Eu enterrava o falo de Igor todo em minha boca enquanto segurava e massageava o sexo do Hugo. Eu escorregava minha língua na cabeça rosácea e pontiaguda do sexo vultoso do rapaz e a descia até as bolas, vendo-o se sacudir cada vez que enchia aquelas bolas com o frescor dos meus lábios molhados e entorpecidos.

Porventura, logo abaixo daquelas duas superfícies tão opostas eu buscava a sensação de uma experiência muito inusitada, mas excitante. O rapaz tinha uma voz macia, mas um toque bem grosso. Hugo continuou me chupando, e o rapaz me pôs de quatro para chupar meu reto. Respirei ofegante sentindo o ar sair quente dos meus pulmões, foi quando soltei um gemidinho acompanhado de um murmúrio de quem não entendia

aquela cena aleatória e via que ainda assim tudo se encaixava muito bem.

Hugo estava bastante obsequioso nos seus modos, assistia o rapaz me penetrar depois de seu ato preventivo. Igor tinha entrado em mim logo depois de ter deslizado as unhas de seus dedos ávidos no meu dorso, nesse ato, de costa para o teto, eu erguia minha cabeça para cima revirando os olhos. Os suspiros altos, sendo a vanguarda de um grito, eram graças à sensação de me sentir como se eu estivesse sendo cortado pela hélice de um helicóptero, a isso, meu dorso foi sentindo um arranhão vasto e meu espírito se elevando demasiado.

Enquanto me sentia rasgado no vaivém do rapaz, eu pensava que havia deliberadamente me enchido de coragem para provar o quanto alguns caprichos eram engraçados, embora excitante. Estava sendo fodido por um desconhecido enquanto um amigo me assistia. Hugo tinha se movido para meu lado da cama no propósito de se masturbar, movia sua mão para cima e para baixo querendo arrancar de si seu prazer em estado líquido, quente e ácido. O gozo dele veio e por algum motivo sentir o prazer em estado líquido do rapaz escorrer em minhas coxas, desse modo, podendo liberar meu orgasmo. Todos deitaram ofegante sobre a cama, segundos depois deitei com as coxas em espasmos.

Feito o saciar do desejo, eu e o Hugo partimos juntos no carro. Os dias se passaram e no meio da semana

voltei a me angustiar com a não resposta de Otávio. Não havia lhe mandado uma carta, mas a sensação de viver o período vitoriano com a demora de seu contato nas redes sociais era demasiada. A suposição de que me evitava ganhava vida, dado isso, veio a suposição de que Hugo havia contado o ocorrido erótico no dia da declaração de meu interesse, mesmo não sendo um compromisso. Ainda que Otávio fosse alguém que vivia intensamente suas relações no firme propósito de que elas durassem para a vida toda, os corpos se atraem por outros corpos na natureza de sua criação. Sua capa obscura também era uma capa de durão, no fundo podendo ser alguém que quando tinha suas expectativas danificadas se machucaria profundamente.

Ele não me indagou o alimento de minha curiosidade em relação ao seu fechamento. Tinha se fechado ainda mais. Eu tinha voltado à realidade de meu sentimento. Nem todos os corações fechados se abrem ao bater em suas portas.

Pisciana

O coração sempre trabalha para concertar o que quebrou por dentro. Essa é uma sentença que muitos casais desejam veementes que ela seja assertiva, por vezes, acreditam nela quando o estrago libera umas doses de masoquismo como morfina na veia. O Pierrot observava a Colombina partir seu coração o deixando pelo Arlequim. Seria a mesma explicação dessa história, mas eu não estava demasiado apaixonado para ter o peito deteriorado, tampouco era novato num processo de escambo sentimental.

Lúcia e eu tínhamos se conhecido no fundamental e voltamos a nos reencontrar no ensino médio. A primeira garota por quem nutri um sentimento. Pele negra num tom pardo e cabelos morenos bem chapados na altura dos ombros. Magra e um pouco languida, sorria pouco. Beirávamos os dezesseis anos e nos comportávamos como aqueles adolescentes em busca de uma autenticidade. O estilo emo ou gótico era uma tentativa dessa busca, bem como as idas as underground onde ela conheceu o Vinicius e passaram a namorar. Ele era branco e espigado, e possuidor de um mau humor constante. Era bastante incógnito para mim.

Meses depois de seu romance juvenil ter começado, Lúcia pegou-me nas mãos, no corredor do colégio e

olhou para mim séria e fixa. Jurou que me queria muito em sua hesitante compassividade de moça apaixonada, então, disse que seus assombros em relação aos sentimentos pareciam sensações de susto de uma criança. No entanto, não enxergava nem admitia os extremos de sua placidez e explosão emocional. Era um poço de sensibilidade e se doava em todas as suas relações, mas talvez não restasse nada dela na relação que estava. Via-se carente e pouco desejada, a isso, tornando-se possessiva e abraçando a possessão do amado como troca e apresentação de afeto.

– Vinicius não fica contente com nossa aproximação.

– Você acredita nessas coisas de ciúmes?

– Moa... os homens são assim; têm dificuldades para organizar e dizer o que sente. Saiba que eu gosto dele...

Quis lembrá-la do nosso beijo em um dos shows de rock que fomos antes da chegada do Vinicius, da interrupção de uma possível paixão, mas era nítida a insignificância. Sair de sua presença com o esforço de não apresentar nenhuma lágrima de amor calado, porém, qualquer um pisaria em meu cadáver naquele momento. Andava pelos corredores do colégio observando o Vinicius ao fim e xingava-o mentalmente. Desejava emprestar meus olhos para a Lúcia, ela não enxergava o quão ele era controlador. Um moleque magricela que se sentia o Kurt Cobain sem os nuances poéticos de seus

gestos e palavras, mas era bastante inteligente, o melhor de sua turma, sobretudo em literatura e matemática.

Passsei a detestá-lo e desprezar qualquer gesto que viesse dele. A camisa xadrez aberta mostrando a regata de tom preta, a calça norte-americana que usava para combinar com o all star vermelho. Depois de ter me afastado da Lúcia, ao seu pedido, ele passou a rir mais. No intervalo estava sempre rindo e cantando ao tocar seu violão. Tinha um sorriso bonito, porém ainda o xingava mentalmente.

Passsei a detestá-lo e desprezar tanto qualquer gesto seu que foi inevitável ele também controlar meus pensamentos. Mensurava seus defeitos, mas ponderava suas qualidades, suas ideias, sua vontade de inovar, sua mente criativa. Era bom com as palavras e disso eu gostava, menos quando manipulava sua amada. Suas inseguranças mostrava um grande medo do mundo emocional. Um aquariano que necessitava ter as paixões em suas mãos e não no peito. Queria arrancar-lhe de meus pensamentos antes que eu concluísse que o ódio e o amor estivessem na mesma moeda. Não me confessei nada, busquei abandonar o casal antes que eu tivesse o diabo no corpo. Assim, afastei-me de vez.

Aquariano

Parecia-me impossível ter por ele uma ternura mais forte. Mas nosso reencontro revelou que estaria maduro para um rapaz de vinte e um anos, diferente do garoto de dezesseis anos que articulou o afastamento de dois amigos. Lúcia e eu éramos amigos antes dela engatar seu romance com Vinicius, eu não tinha mais que suportar a cenas de seu romance e me afastei, ficando anos sem vê-los. Reencontrar Vinicius pareceu um armistício fútil, o qual não significava mais nada para mim.

Ele não parecia mais o Kurt Cobain, tampouco a camisa xadrez aberta mostrando a regata de tom preta, a calça norte-americana que usava para combinar com o all star vermelho, incomodava-me mais. Ele não se vestia mais tão caricato, no entanto, mantinha as camisas de bandas de rock e anime.

A força de prestar atenção em ruídos que eu supunha que podia me anunciar alguma coisa, não me anunciava nada além de um delírio coletivo, minhas orelhas ficavam tinindo com o som das bandas de metal. Era 2015, eu tinha ido, em caravana, a um evento de rock em Ilhéus, esbarrando-me com Vinicius. Sorriu ébrio abrindo os braços para me abraçar ao me ver. Para mim, seu gesto significou as vestes de um entorpecente sobre seu corpo.

Confesso que ele não mais me inspirava muita inveja. Eu tinha acabado de chegar e queria me enturmar, mas não ao ponto de atuar como um bêbado que saía abraçando a multidão. O local do evento era bem peculiar, tratava-se de um circo em frente à praia cujo interior estava preenchido de pessoas em suas vestes negras, contorcendo o corpo a cada vocal ruidoso e batida contundente de uma banda metaleira. O chão oscilava e eu ainda não tinha tomado um entorpecente.

– Moa, como é bom te ver por aqui!

– Não estou te ouvido muito bem!

Em dois ou três anos, tornara-me um estranho. Evidenciava querer retomar conversas ou reinventá-las. Saímos para fora do circo seguindo para uma calçada de pedras que encontrava a areia da praia. Reparei que seus olhos estavam vermelhos, ri por que demorei a perceber de onde vinha seu comportamento lento e agitado simultaneamente. Ele segredou que a vida sem Lúcia parecia ser uma longa e sinuosa travessia. Revelando não estarem mais juntos.

Deixou-me tempo para pensar se aquela sua aproximação se tratava de uma barganha. Embora eu não fosse mais amigo da Lúcia, queria ele alguma ajuda na reconquista?

Seu romance adolescente, que no passado eu pensava que me afligia por provocar uma reação ciumenta, com isso, abrandando-me ao acreditar que se tratava

de um sentimento sublime, mas também, criando dentro de mim um aspecto abatido pela não obtenção de um amor cáldo. Naquele momento, em uma rápida rememoração, passei a ver Vinicius como quem pouco tinha experimentado os sentimentos cujos apaixonados buscam habitar e se atribuir. Namorava uma pisciana cujos melodramas e gestos melosos demais lhe aborrecia, só que não vivia sem uma demonstração de amor dela. Embora ele fosse um grande repressor de suas emoções intensas, por acreditar que não lidaria tão bem com elas.

Deixei Vinicius tomar as menores disposições para aquela caminhada incógnita que fazíamos, distanciando-nos do circo. Sentamo-nos na areia e ficamos em um silêncio estranho. Ele retirou do bolso um cantil e passamos a beber umas doses de uísque. Salvo o que não faria mais, o que eu podia fazer em meio àquela situação excêntrica? Dei um gole que foi mais que apenas uma dose de uísque e logo estaria bastante ébrio. Era noite, provavelmente 21h 00min, e ventava demasiado, vento frio e continuo que bagunçava ainda mais meus cabelos crespos encaracolados, o uísque pouco esquentava o corpo. Vinicius começou a esquecer seu passado e a falar no futuro como quem enxergava a frente do tempo. Começou a se comportar como um homem sem remoço narrando o desejo de criar uma banda capaz de reinventar o significado do que era ser uma ban-

da na contemporaneidade, uma que saísse da zona de conforto e mergulhasse na transculturação.

– Eu sempre penso numa obra de arte sonora surreal. Ouvir e despertar outras sensações, sabe? Quero deixar de sentir um vazio intenso, sabe? Talvez sejamos um vazio mesmo porque se somos formados por octilhões de átomos, cada átomo tem um vazio enorme entre o núcleo e seus elétrons. Não é isso que a ciência diz?

– Sei lá... Você sempre foi tão mente aberta... Como o ar capaz de conviver em todos os espaços. Nuca entendi por que desejar meu afastamento da Lúcia, minha amiga, sua namorada na época. – Eu disse interrompendo o entusiasmo de sua narrativa.

– Talvez eu quisesse parecer lunático para esconder minhas reais intenções.

– Dane-se!

No fim de alguns minutos de silêncio, aos primeiros sintomas de insanidade, eu sentir as mãos do Vinicius tocar a minha. Mergulhando na dúvida de se aquilo estava acontecendo, ia sentindo sua mão levar a minha para dentro de sua calça. Vinicius esperava uma ação impudica para com ele, talvez a espera de que eu fosse entrar num efeito psíquico de quem passa a ter simpatia ou até mesmo um desejo perante a intimidação de um algoz. Minha conclusão era de que a insanidade possuía efeitos injustificáveis ou que se justificavam no passo fora do receio. Pareceu-me reviver o desejo que

eu sentia por ambos, o firme desejo de possuir a Lúcia e o Vinicius. Então, com as mãos metida no interior da calça daquele rapaz ébrio, passei a massagear seu sexo teso duas ou três vezes até me pôr sensato.

De súbito, arranquei minhas mãos de sua intimidade, deixando de segurar seu falo ereto, deixando de apalpar a cabeça de seu pênis sob meus dedos, para me levantar em um espetáculo cujo blackout viria depois da ovação de um orgasmo, mas somente eu estaria numa escuridão, comparando as vertigens do coração e da alma sob o desejo da carne.

Imaginei o gozo dele em minhas mãos, porém desejava morrer ali me preocupando com o futuro do ato. Mais tenaz seria me afastar uma segunda vez. Eu chegaria do outro lado? O lado de quem não se alivia com maré baixa. Aos primeiros sintomas de enjoo, abandonar o navio de quem te alimenta só pelo desejo faz sobrar tempo para pouso em terra firme, novos ares ou maré, ou no nada que queima como tudo que ascende.

Só compreendi que não íamos mais nos ver quando aquela noite passou com toda a embriaguez e o sortilégio. Eu tinha voltado de Ilhéus com a ressaca do uísque e das lembranças, e com o CD Burning Heart da banda Metalwar o qual nunca quis ouvi para manter o estado tenaz.

Copyright ©
2021

.....

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos
ou outros quaisquer sem a prévia autorização do autor.

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
www.editoranocego.com.br
Contatos: (73) 988737177 - 99978-9435
editoranocego@gmail.com

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.